

DF - Brasília  
e-mail: cotrim@cbdata.com.br

# MÁRCIO COTRIM



## AI DA ESPLANADA!

**Q**uem, como eu, ama Brasília, não pode omitir-se. Ainda mais quando dispõe de janela aberta, uma coluna que há 17 anos traz a você, com o possível bom humor, coisas e loisas mas que também pretende ser veementemente tribuna na defesa de nossa querida cidade.

Já toquei uma vez no assunto de hoje. Foi quando se realizou, em 1989, um campeonato de tênis chamado *Aberto da República*. O evento, badaladíssimo, tinha várias arquibancadas, heliporto, espaços para estacionamento de *trailers*. Uma impressionante instalação.

Alguns ingênuos chegavam a exhibir uma pontinha de orgulho. Que maravilha sediar um espetáculo tão grandioso, tanta honra para nós! Bochechas estufadas, repetiam o provincianismo louvor, como o morador de Manacapuru que põe roupa nova e passa lavanda no corpo, todo prosa, quando o circo chega à cidade.

O fato é que nesses onze anos a Esplanada dos Ministérios tem sofrido. Nos últimos tempos, então, virou palco para tudo quanto é promoção que arraste multidões.

Repito: quem ama Brasília, não pode aceitar. Vamos aos fatos e aos argumentos.

**C**omo é sabido, a Esplanada foi concebida para ser a via pública mais importante do país. Acolhe a sede dos três poderes da República. Não é um parque, muito menos uma área de lazer.

Deve, por conseguinte, ser preservada a monumentalidade que lhe é própria. Evidentemente, poupada de usos menos nobres.

Recorro a meus botões e encontro bom amparo. Quem ousaria pedir ao governo norte-americano licença para promover, nos jardins da Casa Branca, um torneio de *baseball*? Ou que firma particular teria a audácia de solicitar ao Kremlin a Praça Vermelha para a realização de corridas de cavalos das estepes?

E alguém teria a cara-de-pau de pleitear a cessão dos gramados das imediações do Palácio de Buckingham para uma competição de pólo, mesmo que o certame reúna os mais valorosos cavaleiros?

Da mesma forma, quem teria peito para propor o aluguel dos jardins de Versailles, ou de Schönbrunn, em Viena, ou do Palácio Imperial de Tóquio ou, heresia das heresias, a praça de São Pedro, no Vaticano, ou o entorno da Caaba, em Meca, para disputas esportivas ou espetáculos de rock?

Hipóteses decididamente impensáveis. E impensáveis não porque os governos locais sejam ranzinzas. Impensáveis porque os possíveis interessados já sabem que nesses lugares há seriedade com a coisa pública e que nenhuma autoridade jamais autorizaria tamanhas monstruosidades, sob pena de sumária demissão.

Pois a nossa Esplanada, o maior *mall* do planeta, tem sofrido com geringonças e engenhocas que lhe desfiguram a plasticidade e a solenidade de que deve estar revestida.

De repente, uma empresa, sem o mínimo compromisso com a cidade, chega e instala sua tralha. Ninguém cogita de alternativas de outros locais. O funcionário despacha favoravelmente, sem levar em consideração razões de ordem ambiental e, claro, institucional.

O perigo é a leniência em relação à diversificação dessas promoções. Com base em tantos precedentes absurdos, não será surpresa se amanhã alguém propuser a realização, ali, de campeonatos de kart, a instalação de piscinas para provas de natação, ringues para boxe ou tatames para estimular a prática do sumô entre nós, um grande mafuá de diversões, arenas para luta romana e, quem sabe, um *rinódromo* para galos de briga, por que não?

**E**isso numa cidade como Brasília, com tantos outros enormes espaços disponíveis! Espanta é que nenhuma entidade de preservação ambiental tenha até agora protestado contra tantos atos lesivos à capital de República.

Não me refiro aos mais ortodoxos ecologistas, à inércia de algum vegetariano que ruma 33 vezes seu naco de bife de soja, tampouco aos radicais que sentam a bunda no asfalto de rodovias para impedir a passagem de turbinas de usinas nucleares.

Estou falando é de líderes ambientalistas que se preocupam com o destino de um planeta cada vez mais poluído e devastado, e aí se inclui o mau uso de espaços verdes como o da Esplanada.

Outro dia, tive o desprazer de ver o Banco do Brasil, um órgão oficial, erguer ali uma gigantesca parafernália para um torneio de vôlei de praia. De praia! Depois da desmontagem, o pesar de testemunhar o triste estado daquele outrora belo gramado, cuja recuperação será agora ainda mais penosa, com a tremenda seca que vem por aí.

Bem me lembro, sem falsa modéstia, que fui eu, funcionário do banco, que em 1986, na Copa do Mundo do México, pela primeira vez introduzi o marketing do Banco do Brasil no esporte.

Uma beleza o estádio de Jalisco quase todo vestido de amarelo, início de uma referência que se vem multiplicando, com êxito, em outros esportes com a chancela da instituição. Mas, ora bolas, em locais adequados como estádios e quadras, até em praias onde haja areia, mas não em plena Esplanada dos Ministérios!

Muito me admira esse descaso. Mas ainda é tempo de estancar o insensato processo. Basta uma canetada de bom senso. Brasília espera e confia.

■ "Paisagem é verba" (Nelson Rodrigues).